

## REDES E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CIBERESPAÇO

Luciano Dias de Sousa<sup>1</sup>

Lucas Borcard Cancela<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo visa verificar como o preconceito linguístico se dá nos comentários de usuários do ciberespaço e observar a ocorrência do monitoramento da linguagem neste ambiente de interação social. Analisamos exemplos de comentários de sites, redes sociais e mensagens de celular acerca dos conceitos relacionados à linguagem no ciberespaço procurando, descrever como se dão as relações sociais e de que modo essas relações constituem como uma realidade linguística de interação e de preconceito no ambiente virtual.<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** ciberespaço; linguagem; preconceito linguístico; redes.

## NETWORKS AND LINGUISTIC PREJUDICE IN CYBER SPACE

**ABSTRACT:** This study aims to verify how linguistic prejudice occurs in the comments of cyberspace users and to observe the occurrence of language monitoring in this environment of social interaction. We analyzed examples of comments from websites, social networks and cell phone messages about concepts related to language in cyberspace, looking for, describing how social relations take place and how these relationships constitute a linguistic reality of interaction and prejudice in the virtual environment.

**Keywords:** cyberspace; language; linguistic prejudice; networks.

### Considerações iniciais: a comunicação no ciberespaço

Nenhum aspecto da vida moderna fica intocado pela maneira em que muitos de nós, hoje em dia, utilizamos as tecnologias de informação. Os negócios, por exemplo, podem ser feitos mais rapidamente e cobrindo distâncias maiores, frequentemente com muito menos capital necessário para iniciar e movimentar empresas. Os políticos

---

<sup>1</sup> Mestre em Cognição e Linguagem - Docente na UEMG. E-mail: poesiaeci@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6878-8453>

<sup>2</sup> Coordenador do Curso Sistema de Informação na UEMG, Mestre em Tecnologias da Informação. E-mail: [lucasbcancela@gmail.com](mailto:lucasbcancela@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6442-0333>

<sup>3</sup>O estudo não possui uma metodologia rigorosa, pois a análise é feita a partir de um corpus pouco representativo.

enviam *e-mails* para seus eleitores; qualquer pessoa hoje consegue compartilhar vídeos em sua rede social, a *internet* disponibiliza ferramentas digitais sofisticadas para organizar trabalhos e divulgar por sua própria iniciativa.

Para o filósofo francês Pierre Lévy, os homens têm um extraordinário apetite para a interconexão, que envolve a escolha, a liberdade, a solidariedade, a interdependência e a consciência e a *internet* representa simplesmente o estado de reagrupamento da sociedade que se sucede à cidade física (Lévy, 2001).

Neste sentido, a dimensão do ciberespaço acompanha e dinamiza uma virtualização da comunicação na sociedade, acelerando o cenário globalizado, atendendo um público que constrói suas relações sociais pautadas nas redes; a rede foi buscar em outras mídias conteúdos, informações e linguagem, numa forma de convergência midiática semelhante a que já havia acontecido com cinema, rádio e televisão.

Segundo Manuel Castells (1999, p.40), as redes são instrumentos mediadores no processo de comunicação, afirma:

As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e ao, mesmo tempo, sendo moldados por ela. As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação econômica e tecnológica.

Também, a linguagem em rede, apresenta características interativas com convergências midiáticas na forma de um hibridismo sofisticado. Esse processo se fundamenta no ciberespaço e se firma sob uma base de comunicação linguística escrita, que é constitutiva desta realidade virtual.

O hibridismo se manifesta, dentre outras formas, na produção textual cada vez mais plural, a qual se constitui como o espaço adequado para a pluralidade de sentidos. Conforme Coscarelli e Ribeiro (2014), a emergência de novos gêneros de escrita fez com que o leitor amplie seu leque de possibilidades de leitura, à medida que entra em contato com esses suportes e gêneros reconfigurados, que por vezes são híbridos.

Essa hibridez é que, se vista sob a luz da história, faz pensar que o leitor, assim como o escritor e como o objetivo de ler, vai sempre tratar de reconfigurar suas experiências, seus hábitos e processos, de acordo com o que deseje, precise ou deduza. Os passos dados da tabuleta de cera em direção à tela foram lentos, graduais e perfeitamente integrados a uma experiência de versatilidade, e não exclusividade (COSCARELLI e RIBEIRO, 2014, p.132).

Dessa forma, é preciso pensar a linguagem como um produto da realidade, mas que é, ao mesmo tempo, parte constitutiva dessa realidade virtual. A linguagem como uma prática social, porque é produzida por homens, e que se fundamenta em determinações materiais, ou é influenciada por elas, ao mesmo tempo as compõe e as influenciam.

A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos, as unidades centrais da sociolinguística como variação, contato e comunidade precisam ser repensadas, à medida que a vida das pessoas fazem uso da linguagem no ambiente virtual. Conforme afirma Barton e Lee (2015, p.13-14),

Muitos pesquisadores estão cientes de que as noções centrais de interação, como tomada de turno e face a face, funcionam de maneira diferente com os dados online. Noções de autor e público tornam-se ainda mais complexas. Não é totalmente claro quando devemos nos referir à linguagem como escrita ou falada; e as atividades de leitura e escrita estão sendo redefinidas.

A compreensão do enunciado como forma de interação social entre locutores de uma realidade específica, a concepção de que as palavras, como formas linguísticas, expressas não estão dissociadas de significados e que envolve uma multiplicidade de sentidos, produto da interação do locutor e do interlocutor. Para Bakhtin (2014, p.113),

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor.

Em se tratando de língua, posicionamentos diversos fazem-se presentes no ciberespaço, pois, como falantes de língua portuguesa, as pessoas sentem-se autorizadas a darem sua opinião, o que, na maioria dos casos, revela avaliações a respeito da variação linguística e gera o preconceito. Dessa forma, o limite da liberdade de expressão de cada usuário tachado, revelado de forma patente em comentários de sites, posts, mensagens de celular, entre outros, nosso objetivo é destacar como se dá o preconceito linguístico nas redes no ciberespaço, através da análise dos comentários de usuários.

Os pressupostos teóricos que orientam o desenvolvimento do trabalho, fundamentalmente, estão pautados em Barton e Lee (2015), Leite (2008), Koch (2003), Lévy (1999) e Bagno (2007), além de outros autores que tratam do tema.

## 1. Caracterizando o ciberespaço como local de interação social

Ciberespaço é o conceito que representa um mundo interligado, com estreitas relações econômicas, políticas e sociais alimentadas pelas tecnologias de informação e da comunicação, uma rede de relações sociais que se dão possibilitadas pela constituição virtual pela internet. As linguagens que antes apenas se presenciavam nas falas, imagens, sons e movimentos, em situações presenciais ou através das redes televisivas, hoje estão sincronizados no ciberespaço.

O ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio texto meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas (Lévy, 1999 p.41).

Desse modo, o ciberespaço tem se constituído como espaço para interação social e comunicação, mais do que simplesmente coleta de dados, formando, na prática, um novo domínio de linguagem e comunicação. Encontrar um denominador comum entre formas de linguagens muito diferentes, isto é, estabelecer um diálogo entre elas, é um dos inúmeros desafios da comunicação e interação no ciberespaço. Ou seja, comunicar-se é interagir, não existe comunicação sem interação.

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social (KOCH, 2003, p. 128).

Segundo Santaella (2004, p. 38) isso quer dizer que a mesma tecnologia básica pode ser usada para transmitir todas as formas de comunicação. Desse modo, a *internet* é um meio de comunicação que permite às pessoas se aproximarem virtualmente, possibilitando que elas se expressem e interajam. É por meio das relações sociais que o ser humano, constrói e desconstrói sua subjetividade a partir do momento em que o

mesmo passa a assimilar a cultura de um grupo social. Essa interação se dá pela linguagem e comunicação.

Durante séculos, a linguagem foi considerada um instrumento passivo de comunicação, que permitia ao ser humano apenas descrever o que percebia, sentia ou pensava. Hoje se reconhece que, ao falar, o indivíduo não só descreve o que observa, mas atua no mundo e faz com que certas coisas aconteçam. Por meio da linguagem, ele também pode modificar suas relações com os demais e desenvolver sua própria identidade (KOCH, 2003, p. 123).

Nesse processo, o conjunto discursivo resulta numa formação discursiva ideológica e social que constrói e é construída pelos indivíduos de forma inconsciente. Segundo aponta Lévy (1999, p.92), trata-se de “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, que independe dos lugares geográficos em tempo real e permitem que membros de um grupo alimentem a memória comum, imersão de opiniões em ambiente de interação, valores que se desenvolvem no ciberespaço modificando relações humanas, construindo “pontes” transformando a natureza da comunicação e das relações desse processo.

A participação em atividades *online* em rápida mudança de aplicativos e uso de várias mídias de comunicação digitais ao mesmo tempo, implica no uso em grande parte de uma estrutura de linguagem informal, que aparece como registro de forma despercebida, reelaborada e mediada pelas tecnologias que oferecem ferramentas distintas para explorar as virtualidades ampla e híbrida.

Com as novas formas de participação e diálogo, as pessoas podem ser mais reflexivas mais conscientes da linguagem e mais tolerantes com as variedades linguísticas. Elas também são mais lúdicas e criativas com a língua, exibindo consciência metalinguística. Essa criatividade tem a ver com o fato de a internet ser um espaço para mudança linguística. A reflexão e a discussão sobre a linguagem conduzem ao desenvolvimento das virtualidades da linguagem e às maneiras como as pessoas podem empregá-las para agir no mundo (BARTON e LEE, 2015, p.34).

Santaella (2003), afirma que os aspectos mais espetaculares da era digital estão no seu poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas. Graças à digitalização e à compreensão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes,

hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamado de ciberespaço.

Nesse cenário, a comunicação ganha novas formas e ferramentas de sociabilidade, pois as interações que emergem no ambiente virtual, tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade, assim também as várias formas de preconceitos que emergem das redes.

## **2.Preconceito linguístico e novas tecnologias**

A escrita é responsável por uma série de transformações no processo de comunicação e sociabilidade humana, foram criadas condições de comunicação amplas, aproximando seres humanos em lugares distantes. É notório que a leitura e a escrita tornaram-se diferenciadas. Ao abrirem postagens na rede, emergiram novas possibilidades de textos, imagens, sons e novos processos interativos surgiram bem como novas sensações.

Para Sibília (2012), nossa cultura atual é fortemente marcada pelos meios de comunicação audiovisuais que multiplicou exponencialmente, graças à irrupção triunfal das redes informatizadas. Que também provocou mudanças na linguagem.

Esses processos detonaram uma profunda transformação das linguagens, afetando os modos de expressão e comunicação em todos os âmbitos, inclusive em campos tão vitais quanto a construção de si mesmo, as relações com os outros e a formulação do mundo. Entre os complexos desdobramentos que ainda estão por ser cartografados e estudados, esse movimento implicou na crise das “belas artes” da palavra – tanto em suas manifestações orais como escritas – e a implantação gradual daquilo que alguns denominam “civilização da imagem” (SIBILIA, 2012, p.63).

Nesse sentido, é possível constatar, no ciberespaço, uma quantidade razoável de páginas de redes sociais com postagens de usuários que utilizam a língua na variação informal e com os recursos que a ferramenta *online* permite. Daí a importância e a necessidade de se compreender o significado dessas novas práticas discursivas no cotidiano dos usuários da língua, embora; as redes sociais são ambientes democráticos, cada vez se faz mais presentes o preconceito linguístico. Compreender essas práticas implica confrontá-las com concepções acadêmicas bem estabelecidas sobre o que significa usar uma língua, bem como examinar a pertinência de noções como entendemos como o “correto” de uma língua pelos seus próprios falantes.

O preconceito linguístico ainda não tem o mesmo impacto na opinião pública como dispõem as outras formas de preconceito. Porém, todas elas são prejudiciais as quem sofre, pois a linguagem é algo que caracteriza a individualidade e a subjetividade do ser humano. Segundo Leite (2008, p. 13), “não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas”.

De acordo com Leite (2008), preconceito é o sentimento ou pensamento que pode levar o indivíduo à intolerância. Já esta conduz à postura explícita de não aceitação a qualquer opinião que seja distinta e isto se dá por meio de atitudes e comportamentos de agressividade ou de violência. Quando um indivíduo é intolerante à linguagem do outro, o comportamento apresentado por ele não é silencioso e calmo.

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um “não-querer”, um “não-gostar” sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas (LEITE, 2008, p. 22).

O preconceito linguístico também é um preconceito social, pois muitos dos indivíduos falantes da variante não padrão não tiveram acesso à educação sistematizada das escolas e pertencem a uma classe social estigmatizada e desprestigiada, do mesmo modo, a língua falada por essas pessoas são consideradas feias e erradas.

No entanto, conforme Bagno (2009), a língua utilizada pelas pessoas de classe baixa é apenas diferente da ensinada na escola. O problema, na verdade, não está naquilo que se fala, mas, sim, em quem fala. Por exemplo, quando alguém de uma classe social elevada diz algo gramaticalmente “errado” ou vulgar, pode-se “fingir que não foi percebido”.

Ainda, segundo Bagno (2009), o preconceito linguístico é poderoso, ele é “invisível”, no sentido de quase ninguém se apercebe dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Para o autor,

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade (BAGNO, 2009, p.26).

As línguas não se organizem de uma maneira uniforme, fazendo com que seus usos orais ou escritos possam ser caracterizados alternativamente como "certos" ou "errados". Antes, toda língua se constitui como um conjunto de variedades dotadas de diferenças recíprocas, cada uma delas podendo ser utilizada de acordo com os contextos sociais de interação. Assim, no caso das sociedades letradas, historicamente, cada língua acaba tendo uma de suas variedades definida como preferível em relação às demais, especialmente em contextos formais e informais de interação.

### 3. Preconceito linguístico nas redes sociais

As redes sociais digitais, que se constituem e adquirem visibilidade pela instrumentalidade de *sites* e aplicativos, como o *Facebook*, *Instagram* e outros, promovem a circulação de textos em diferentes gêneros típicos do meio digital, uma vez que tais textos em geral se constituem a partir da hibridização de gêneros já existentes nas mídias convencionais, mas, por vezes, também manifestam a pretensão de configurar práticas discursivas. A escrita no ambiente digital, mais do que a oralidade na interação face a face, torna-se um mecanismo de exposição dos usuários, ocasionando juízos de valor sobre usos "certos" e "errados" da língua; revelando o preconceito linguístico.

Na língua portuguesa, como virtualmente em qualquer língua natural, convivem diversas normas linguísticas, ainda que socialmente se dê visibilidade apenas à denominada norma padrão. Isso obviamente se aplica também aos usos não padrão verificados na *internet* e fora dela. Destacamos, a seguir, três postagens de redes sociais com comentários sobre o uso da linguagem no ambiente virtual.

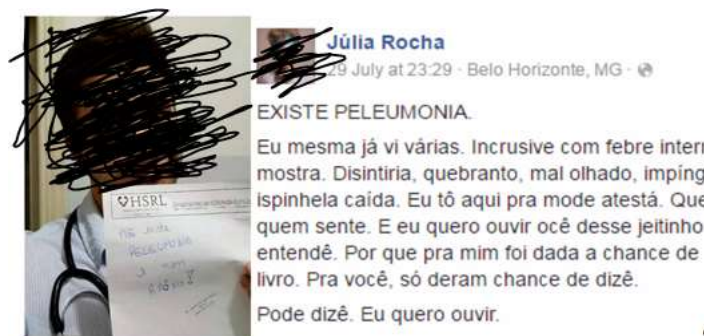


Figura 1: <https://catracalivre.com.br/cidadania/medica-que-comentou-polemica-da-peleumonia-recebe-ataques/>. Acesso em: 20 de abril de 2020.



Na Figura (1), a postagem provocou revolta nas redes sociais, um médico diante de uma consulta zombou e fez comentários preconceituosos pela forma de uso da língua de um de seus pacientes. O fato não aconteceu nas redes sociais, entretanto, após a consulta os comentários do médico sobre a fala do paciente foi postada por ele em sua página pessoal mostrando o desvio linguístico do paciente (peleumonia). O que gerou uma série de comentários em torno do tratamento, falta de ética e respeito do próprio médico em compreender a simplicidade discursiva do falante na condição de paciente.

A falta de sensibilidade com a paciente e usuário da língua, mostra o preconceito por parte de uma classe favorecida e escolarizada que usa a língua portuguesa para reforçar as diferenças sociais e culturais na sociedade. Alguns internautas fizeram comentários pertinentes que mostram a percepção da nossa língua com as relações construídas socialmente e como o uso da língua está ligado à escolarização,

- Por que pra mim foi dada a chance de conhecê as letra e os livro. Pra você, só deram chance de dizê.
- Os pacientes têm que ser tratados com respeito, poderia ter sido com alguém da minha família. As pessoas não têm obrigação de saber falar direito, na maioria das vezes, são pessoa humildes, com dor e não estão preocupadas se estão falando certo ou errado”  
(trechos de comentários de internautas. Fonte: <https://catracalivre.com.br/cidadania/medica-que-comentou-polemica-da-peleumonia-recebe-ataques/>. Acesso em: 20 de abril de 2020).

Bagno (2009, p.25), afirma que o espaço social deixado vago pela existência de uma política linguística oficial, de âmbito nacional, acaba sendo ocupada, infelizmente, por uma política linguística difusa, confusa e retrógada, justamente aquela praticada de modo repressivo, persecutório e cientificamente desinformado pelas diversas instâncias da sociedade.

Quando se trata dos usos da língua, o discurso purista predomina na sociedade brasileira. Esse discurso impõe uma série de restrições aos usos legítimos dos falantes em nome da "norma culta", a que boa parte da população não tem acesso e de que não faz seu uso no cotidiano.



Conforme a figura (3), um dos usuários critica a forma de escrita do outro (cerebro / youtubiu), assim o “erro” da escrita (desvio ortográfico) do usuário passa a ser motivo de ofensas nos comentários. Depreende-se que o imaginário negativo sobre o uso da forma escrita “errada” é um poderoso mecanismo para que um deles tenha autoridade para corrigi-la e humilhar a falta de conhecimento da ortografia padrão do outro.

A preocupação com as normas padrões de nossa língua nas redes sociais digitais exemplificadas, opera no sentido de manter e reforçar velhas concepções de língua e linguagem alinhadas com a tradição gramatical. É importante salientar que a escrita e o uso da língua devem também ser uma preocupação não desprezando as normas de nosso registro de acordo com a ortografia oficial. Entretanto, não podemos tomar como única e legítima, e deixar o "português popular" como algo menor.

Na tentativa de entender a linguagem neste mundo textualmente mediado pelas tecnologias digitais que oferecem possibilidades suscetíveis de ser escrito, Barton e Lee (2015, p. 44) afirmam que,

O pressuposto subjacente dessas mudanças na natureza do texto é que a maioria das práticas sociais contém elementos de linguagem e letramento e que vivemos num mundo social textualmente mediado, onde os textos são parte da cola da vida social. Textos são centrais na interação social, e grande parte da linguagem falada é executada no contexto da linguagem escrita e a leva muito em conta. Linguagem e letramento estão no cerne de grande parte da mudança social atual, porque são linguagem e letramento que estruturam o conhecimento e possibilitam a comunicação. Isto é especialmente verdadeiro quando se examina o mundo online contemporâneo. Mais linguagem e mais interações são cada vez mais mediadas, sendo também maior a teia de ligações entre elas.

Vale lembrar que as novas tecnologias de comunicação e o ciberespaço são compostos por meios pois disponibilizam ferramentas de acesso à comunicação (*Facebook, Youtube, e-mails, WhatsApp* e outros), que são gerenciados pelos usuários que determinam a utilização da língua para determinados fins comunicativos, ora para uso do registro da norma culta, por exemplo, em relações de negócios empresarias, ora para uso que não há exigência do registro normalizador da língua, por exemplo, um “bate papo” informal entre amigos no *WhatsApp*. Como no cotidiano, cada lugar que ocupamos exige uma postura linguística, entendemos as variações, assumimos posições no discurso de forma a contemplar nossas necessidades comunicativas.

Ainda que se considere necessário conhecer e divulgar as formas linguísticas de prestígio, mais frequentes na fala dos cidadãos mais letrados, não se pode fazer isso de modo absoluto, fonte de preconceito (BAGNO, 2009, p. 68).

O preconceito linguístico se manifesta de forma intensa na *internet*, a adesão dos usuários nas redes sociais continuam reproduzindo velhos hábitos com relação ao uso da nossa língua portuguesa, embora as redes sociais sejam espaços democráticos de compartilhamento de ideias, é também o espaço de ideologia e diferenças sociais que se dá através da linguagem.

### **Considerações finais**

No cenário, onde novas formas de comunicação estão surgindo e possibilitando também novas maneiras de sociabilidade, a internet surgiu como importante meio de intensificação deste processo, pois as interações que emergem no ambiente virtual, tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade.

O preconceito linguístico é formado por diferentes níveis de não aceitação das variantes linguísticas; isso se dá pela falta de conhecimento do assunto e pelas crenças linguísticas enraizadas nos indivíduos por motivos históricos e socioculturais, o que fomenta comentários baseados no senso comum.

Os usuários do ciberespaço que possuem uma postura preconceituosa não observam que é importante transitar pelas modalidades da língua portuguesa, pois, em cada situação do cotidiano demanda uma variação de linguagem. Nesse sentido, o uso das variantes linguísticas também é relevante para haver pleno entendimento em um diálogo.

É de suma importância que haja um maior esclarecimento acerca do uso das variantes linguísticas nas escolas e pelos diferentes tipos de mídias sociais. Também é necessário que essa questão seja discutida em mais espaços, para, assim, se ter uma nação consciente da língua que fala e escreve, diminuindo o preconceito linguístico daqueles acreditam que dominam a norma padrão da língua.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2009.

BAKHTIN, M. (V.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2015.

CATRACA LIVRE. *Médica que comentou polêmica da 'peleumonia' recebe ataques*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/medica-que-comentou-polemica-da-peleumonia-recebe-ataques/>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. In: \_\_\_\_\_. *A era da Informação: economia sociedade e cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

KOCH, Ingedore. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e Intolerância na Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SIBILIA, Paula. *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Editora Contratempo, 2012.

---

Enviado em: 22 de abril de 2020.

Aceito em: 05 de junho de 2020.